

OPINIÃO

Tempo para Brincar

Carlos Neto*



Depois de um período cheio de constrangimentos para todos, o regresso à escola de crianças e jovens deve merecer toda a nossa atenção.

Foram muitas as penalizações durante os diversos momentos de confinamento (aumento de sedentarismo, aumento de peso e obesidade, diminuição de competências motoras, sociais, falta de contato com a natureza, aumento de solidão, maior dependência e fadiga digital, etc.). Interessa agora restaurar o corpo das crianças (mais brincadeira e jogo livre, energias vitais, socialização e contato com os espaços exteriores habitacionais, escolares e comunitários), para em seguida se pensar na recuperação das aprendizagens escolares consideradas socialmente úteis.

Brincar livre na infância é poder criar memórias de experiências e aprendizagens que nunca mais desaparecerão da vida das crianças. Poder brincar na escola, em casa e na comunidade, são oportunidades únicas de aprendizagem motora, cognitiva, emocional e social numa fase crucial do desenvolvimento humano. O brincar é um direito fundamental no desenvolvimento da criança e consagrado na Carta Internacional dos Direitos da Criança (art.º 31º). É um comportamento que não pode ser secundarizado, principalmente na primeira década da vida humana, por ser uma ferramenta poderosa e de natureza ancestral que permite o desenvolvimento de capacidade de adaptação e criatividade.

Vivemos um tempo estranho, incerto e imprevisível e necessitamos de reinventar uma nova escola num mundo em grande mudança (transição digital, crise climática e necessidade de políticas de sustentabilidade do planeta e da vida humana). É ur-

gente um pato de dinâmicas mais participativas entre a vida da família, da escola e das comunidades locais, para dar mais oportunidades de tempo e espaço interior e exterior das crianças e jovens poderem brincar e ser ativos, aprendendo a saber pensar de forma crítica e criativa e a adotar uma consciência de valores ecológicos, através da conquista de hábitos de vida saudáveis na sua vida quotidiana.

São necessárias políticas públicas mais corajosas para implementar cidades promotoras de mais mobilidade (devolver as ruas às crianças), mais verdes (conforto ambiental) e mais liberdade de ação (relação entre confronto com o risco e assegurar segurança). Devemos também encontrar as soluções mais ousadas para termos pais mais disponíveis para terem tempo para estarem com os filhos e estes terem tempo de serem crianças e viverem a infância de forma plena.

A infância é irrepetível. Também o contexto escolar necessita de repensar o presente e futuro da sua organização e funcionamento. Nas primeiras idades a aprendizagem não se impõe, sendo dispensáveis currículos demasiadamente formatados. É fundamental garantir oportunidades de brincar livre, criando contextos de qualidade que permitam experiências desafiantes, inabituais, diversificadas e interativas, e de preferência em espaços naturais e com materiais ou objetos soltos (loose parts). Interessa que os espaços de jogo exteriores das escolas e espaços públicos sejam recheados de "af-fordances" (aquilo que o envolvimento suscita ao animal para fazer...) motoras, emocionais, cognitivas e sociais. Este direito a um espaço de ação de qualidade não é compatível com um "design" formatado e obsessivamente adulto (cimento e sintético).

Os espaços para brincar devem possibilitar aprendizagens diversivas e recheadas de referências motoras, simbólicas e sociais. Em educação nas primeiras idades, as referências de sala de aula e recreio deveriam desaparecer do vocabulário educativo e serem substituídas por espaços interiores e

exteriores, onde as crianças podem circular em liberdade de ação para fazerem as suas experiências e descobertas (aprendizagem).

Os espaços exteriores das escolas devem fazer parte do projeto pedagógico. Na escola não entra só o cérebro. Entra o corpo todo. A escola não é só a sala de aula (espaços interiores). As crianças deveriam ter oportunidade para vivenciarem as aprendizagens nos espaços exteriores, tomando-se pequenos exploradores, pesquisadores cientistas e artistas. O direito ao espaço para brincar implica dar tempo disponível para que os projetos das crianças se possa desenvolver com atitude tutorial positiva dos adultos e não com constrangimentos proibitivos.

Uma das características mais peculiares de crianças saudáveis é a necessidade de apresentarem um nível de atividade física muito elevado. O movimento humano é o grande arquiteto do cérebro dos sentimentos e das emoções. Crianças que apresentam um perfil de jogo de atividade física regular, sistemático e intencional, são normalmente portadoras de uma boa competência motora, emocional e social.

Aprender a mexer e escutar o corpo dá saúde física e mental. Brincar e ser ativo é uma das grandes prioridades para as crianças do nosso tempo. O combate ao sedentarismo e a iliteracia motora é uma tarefa gigantesca a implementar no contexto familiar, escolar e comunitário.

Crianças muito quietas ou agitadas são o resultado de uma sociedade que tem vindo a aprisionar a infância a lógicas de controlo das suas energias para níveis compatíveis com o tempo e as regras definidas por conveniência adulta. Esta manipulação subtil, exercida por vezes sem consciência, está a colocar em causa a saúde física e mental das crianças. ◀

*Professor Catedrático
Faculdade de Motricidade
Humana Departamento de
Desporto e Saúde
Laboratório de Comportamento
Motor
Universidade de Lisboa
(artigo escrito com o actual
acordo ortográfico)